

TEORIA CRÍTICA, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DAS IDEIAS DE THEODOR ADORNO E MAX HORKHEIMER

Diego Alexandre Divardim de Oliveira¹
Ana Luiza Ruschel Nunes²

Resumo: A partir da teoria crítica é possível questionar o modelo atual da educação e refletir sobre os caminhos que são possíveis trilhar em busca de uma educação emancipadora. Assim, este artigo teve como objetivo refletir sobre as possibilidades de uma educação emancipadora a partir do estudo de textos de Theodor Adorno (2010; 2014) e de Max Horkheimer (2003; 20014). A partir da bibliografia selecionada é possível compreender que a educação não é o mesmo que modelagem de pessoas e tampouco a simples transmissão de conhecimentos. Compreende-se que a democracia efetiva somente será realidade em uma sociedade de sujeitos emancipados, neste contexto a educação emancipadora é de suma relevância. O capital exerce forte influência sobre os sujeitos e sobre a educação e, a Teoria Crítica demonstra como deve ser a postura do intelectual engajado que vislumbra uma sociedade mais justa e livre de qualquer forma de opressão. Neste artigo os termos “heteronomia” e “indústria cultural” são trazidos à discussão para enriquecerem as reflexões entorno da educação emancipadora, a partir das quais, se busca o fim do *status quo* que tanto atrapalha o bom desenvolvimento da educação. O intelectual pesquisador tem a obrigação de contribuir para com o desenvolvimento e o bem estar social. O teórico crítico é ativo e sua teoria caminha conjuntamente com a sua prática, pois é conhecedor de que não deve haver dualidade entre a teoria e a *práxis*, também reconhece que o mundo é dinâmico, que não pode perder tempo, além de ser um crítico de si mesmo. **Palavras chave:** Teoria Crítica; Educação; Emancipação; Filosofia.

CRITICAL THEORY, EDUCATION AND EMANCIPATION: REFLECTIONS FROM THE IDEAS OF THEODOR ADORNO AND MAX HORKHEIMER

Abstract: Based on the critical theory is possible to question the current model of education and reflect on the ways that are possible walk in search of the emancipatory education. Thus, this article aims to reflect on the possibilities of an emancipatory education from the study of Theodor Adorno's texts (2010; 2014) and Max Horkheimer (2003, 20014). From the selected bibliography it is possible to understand that education is not the same as modeling people nor the mere transmission of knowledge. It is understood that the effective democracy only reality is in a society of emancipated individuals, in this context the emancipatory education is of paramount importance. The capital has a strong influence on individuals and on education, and Critical Theory demonstrates how should be the intellectual posture engaged that envisions a more just and free society from any form of oppression. In this article the terms "heteronomy" and "cultural industry" are brought into the discussion to enrich the surrounding reflections of emancipatory education, from which, we seek the end of the status quo that both hinders the proper development of education. The intellectual researcher has the obligation to contribute to the development and social welfare. The critical theorist is active and his theory jointly walks with his practice because he knows well that there should be no duality between theory and praxis, also recognizes that the world is dynamic, you can not waste time, and is a critical from yourself.

Keywords: Critical Theory; Education; Emancipating; Philosophy.

¹ Professor no Departamento de Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail para contato: dadoliveira@uepg.br

² Professora no Departamento de Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE/UEPG. E-mail para contato: analuiza@uepg.br

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as possibilidades de uma educação emancipadora a partir das ideias de Theodor Adorno (2010;2014) e Max Horkheimer (2003;2014). Portanto, através de uma pesquisa teórico- bibliográfica, parte-se de ideias que conduzirão as reflexões ao pensamento crítico da sociedade contemporânea para que possamos pensar sobre possíveis estratégias que nos conduzirão ao esclarecimento e a emancipação.

DISCUSSÃO

A concepção de “educação” para Adorno (2010) vai além da concepção capitalista de educação, ou seja, considera a educação como meio para a emancipação dos sujeitos numa perspectiva kantiana, a partir do esclarecimento. Para ele a educação não é uma modelagem e tampouco uma transmissão de conhecimento, assim, afirma (2010, p.141) que:

[...] assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas (ADORNO, 2010, p.141).

Educar não significa modelar pessoas, pois a modelagem funciona como uma ação que dá forma àquilo que é inanimado, como massas e argilas. Educação tampouco significa a simples transmissão de conhecimentos, pois, caracterizam algo morto, como as velhas enciclopédias que estão esquecidas nos porões das residências ou juntam pó nas estantes dos alfarrabistas. A educação verdadeira é aquela que viabiliza o crescimento intelectual e consequentemente social dos sujeitos por eles mesmos, ou seja, oferece-lhes os meios para que caminhem com suas próprias pernas. Nesse sentido a educação deve ser o meio para libertar os sujeitos, instigando-lhes o discernimento para que caminhem de forma autônoma e consciente, configurando-se como sujeitos emancipados. As enciclopédias quando herança de

família se tornam, muitas vezes, problemas para aqueles que as herdaram, pois, poderão dizer: “o que eu de fazer com tantos livros?!”. Assim se dá com a simples transmissão do conhecimento.

Ainda é possível verificar que Adorno (2010) considera que a Educação é um requisito fundamental para a formação de pessoas emancipadas, para que a democracia funcione de acordo com o seu conceito, pois,

Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado. Numa democracia, quem defende ideais contrárias à emancipação, é, portanto, contrário à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata, até mesmo se as ideias que correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. As tendências de apresentação de ideais exteriores que não se originam a partir da própria consciência emancipada, ou melhor, que se legitimam frente a essa consciência, permanecem sendo coletivistas reacionárias. Elas apontam para uma esfera a que deveríamos nos opor não só exteriormente pela política, mas também em outros planos muito mais profundos (ADORNO, 2010, p.141).

A democracia plena, onde o poder é exercido pelo povo, necessita de pessoas emancipadas, ora, a emancipação da consciência só é possível pela educação, a qual torna-se uma ferramenta libertadora que livra os sujeitos de qualquer forma de opressão, através da emancipação intelectual esses sujeitos se tornam ativos e por sua vez contribuem para a emancipação daqueles outros que ainda permanecem oprimidos. Não se pode negar que existem forças reacionárias que se colocam como obstáculos aos ideais da educação. Assim, a Educação possui uma função de suma importância para a democracia, o que justifica o descaso que vem sofrendo, por parte dos políticos brasileiros.

Adorno (2010) considera que há uma pressão muito forte que suprime a educação, e pode-se considerar que essa pressão é imposta pelo sistema capitalista. Sobre isso o autor diz que:

Em primeiro lugar, a própria organização do mundo em que vivemos é a ideologia dominante — hoje muito pouco parecida com uma determinada visão de mundo ou teoria —, ou seja, a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação (ADORNO, 2010, p.143).

O mundo está organizado de acordo com a ideologia capitalista, a qual não está para o mundo, mas, o mundo está para ela, assim, a educação emancipadora

está para o mundo como uma ferramenta redentora e por esse motivo sofre as investidas do sistema capitalista que visa apenas a formação de sujeitos aptos ao trabalho, negando a capacidade que os mesmos possuem para irem além de si mesmos.

A força exercida pelo capitalismo sobre os sujeitos torna-os unicamente adaptados à ideologia dominante, ora, a educação que visa a emancipação, não pode ignorar que é preciso orientar os sujeitos para caminharem no mundo por si próprios, ou seja, conscientes (ADORNO, 2010). O capitalismo se utiliza de meios para manter os sujeitos submissos: esta questão também pode ser verificada na história da Arte, onde é possível verificar que a arte em muitos momentos foi utilizada como ferramenta ideológica.

Seguindo o último raciocínio, pode-se considerar que os sistemas estabelecidos ou aqueles que buscam se estabelecer utilizam-se de estratégias para fortalecerem seus ideais ou para implantá-los. No caso “barroco” a arte apresentava-se como ferramenta ideológica da Igreja Católica de Roma no século XVII.

Adorno (2010) chama de Indústria Cultural as ferramentas ideológicas utilizadas para controlar os sujeitos. Pode-se compreender em suas ideias que a indústria cultural, se interessa pelos Homens, enquanto consumidores ou empregados, nada além, pois ela reflete os interesses capitalistas, dessa maneira reduz esses sujeitos a seus interesses, tornando as relações sociais falsas. Isso acaba por influenciar até mesmo a relação dos Homens com a natureza, constituindo uma espécie de antiiluminismo³. Assim, essa realidade

[...] se tornou tão poderosa que se impõe desde o início aos homens —, de forma que este processo de adaptação seria realizado hoje de um modo antes automático. A educação por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação. Se posso crer em minhas observações, suporia mesmo que entre os jovens e, sobretudo, entre as crianças encontrasse algo como um realismo supervalorizado — talvez o correto fosse: pseudorealismo — que remete a uma cicatriz. Pelo fato de o processo de adaptação ser tão desmesuradamente forçado por todo o contexto em que os homens vivem, eles precisam impor a adaptação a si mesmos de um modo dolorido, exagerando o realismo em relação a si mesmo, e, nos termos de Freud, identificando-se ao agressor. A crítica deste realismo supervalorizado

³ Antiiluminismo: modelo de controle das massas, através da indústria cultural, o qual diverge dos princípios iluministas.

parece-me ser uma das tarefas educacionais mais decisivas, a ser implementada, entretanto, já na primeira infância (ADORNO, 2010, p.144).

Analisando o que o autor diz e conscientes da época e do contexto no qual foi escrito, pode-se comparar a realidade nesse fragmento de texto à realidade contemporânea. Verifica-se que a adaptação é uma realidade presente, os sujeitos são manipulados por uma mídia “barroca” que defende os interesses capitalistas. Assim, nesse contexto, a educação tem o papel de resistência, ela tem que livrar os sujeitos do conformismo e mostrar que há possibilidades melhores de vida. Para que a educação seja efetiva deverá voltar-se às famílias, às escolas e às universidades, pois, trata-se de um investimento que deverá apagar a tradição que foi imposta pelos opressores. Como exemplo um jovem artista que abandona a arte para trabalhar em uma indústria, pois, encontrou dificuldades em se assumir artista perante uma sociedade tradicionalmente operária. A tradição atua sobre os sujeitos e a educação deverá conscientizá-los de modo que a tradição não seja uma força desconhecida e que conhecendo-a os sujeitos tenham a autonomia para negá-la e traçar caminhos que mais lhes aprouver. Assim Adorno (2010, p.169) diz que:

A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. Para precisar a questão, gostaria de remeter ao início do breve ensaio de Kant intitulado "Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?". Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. "Esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade".

Que a emancipação é fundamental para o pleno funcionamento da democracia é de fato uma realidade verificável nas ideias de Adorno (2010), o qual por sua vez cita a questão de Kant que leva à afirmação de que permanecer num estado de tutela ou menoridade, por falta de decisão é auto inculpável, pois, isso configura omissão, preguiça ou descaso. Isso ocorre quando os homens ignoram uma realidade para não se obrigarem a sair de uma zona de conforto, por mais que este seja relativo. Então, a maioria pode ser entendida quando conscientes os homens deixam de se omitir e buscam caminhar por si próprios.

Adorno (2010) diz que para que a palavra “emancipação” não seja apenas retórica, é preciso levar em consideração toda a força de oposição existente na forma como o mundo está organizado, se vive uma época em que se verifica uma pressão

muito forte exercida por esta organização sobre as pessoas, uma heteronomia, e que essa, como forma de controle, também se enraíza no íntimo das pessoas por meio da “indústria cultural”⁴.

Para Adorno e Horkheimer (2014) a contemporaneidade está marcada pela homogeneização da cultura, pois para eles existe na cultura contemporânea um aspecto de semelhança entre os fatores desse conjunto chamado cultura, tudo funciona como um sistema, onde os fatores são interdependentes. Pode-se afirmar que o rádio está a serviço das gravadoras, as quais estão a serviço da Tv, que por sua vez estão a serviço do capital. O cinema hoje em dia da mesma forma que a Tv, está mais para o capital do que para a Arte. A análise feita pelos autores pode ser aplicada ao momento presente, pois, com o avanço da tecnologia as ferramentas de comunicação de massa aumentaram em número e em qualidade, hoje a telefonia móvel com acesso à internet representa um meio rápido e eficaz de pulverização de ideias, de entretenimento e de manipulação do pensamento.

Para Adorno e Horkheimer (2014, p.8) “*toda a cultura de massas em sistema de economia concentrada é idêntica[...]*”, ora, onde a cultura está submissa ao capital, é semelhante e centralizada entorno do capital. Nesse contexto a cultura é manipulada para que as expectativas econômicas sejam alcançadas, não importa a época.

O cinema e o rádio não se preocupam mais com a questão da Arte, produzem lixo e isso não importa, pois, trata-se apenas de negócios (ADORNO; HORKHEIMER, 2014). Trazendo a afirmação dos autores para o presente, percebe-se que na grande maioria das produções cinematográficas, fonográficas, televisivas, radiofônicas e mídias digitais produzidas estão voltadas ao lucro.

Sobre a relação entre a indústria, o rádio e o cinema, Adorno e Horkheimer (2014, p.8) afirmam que “o cinema e o rádio se auto definem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos dos seus diretores-gerais tiram quaisquer dúvidas sobre a necessidade social de seus produtos”. Pode-se considerar que a produção institucionalizada e concêntrica, na atualidade (atualmente os meios vão além do rádio e do cinema, como comentado anteriormente, abrangem a televisão, e as mídias digitais) sufocam as produções que podem ser oposição, as quais são

⁴ O termo “indústria cultural” é trazido ao público na obra intitulada “Dialética do Esclarecimento” (1947) de autoria de Theodor Adorno e Max Horkheimer. (Nota dos autores)

estrategicamente marginalizadas em função do potencial transgressor que apresentam.

Levando em consideração a dinâmica do mundo, a arte produzida na atualidade é estandardizada para atingir um número cada vez maior de sujeitos consumidores. Sobre isso Adorno e Horkheimer (2014, p.9) afirmam que:

O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena. Automóveis, bombas e filmes mantêm o todo até que seu elemento nivelador repercute sobre a própria injustiça a que servia. Por hora a técnica da indústria cultural só chegou à estandardização e à produção em série, sacrificando aquilo pelo qual a lógica da obra se distinguia da lógica do sistema social. Mas isso não deve ser atribuído a uma lei de desenvolvimento da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia contemporânea.

Percebe-se que a técnica está nas mãos dos economicamente mais fortes, os quais acabam por exercer certa dominação sobre a sociedade, que se auto-aliena como uma demonstração de conformismo, por comodismo ou ignorância não se exige outra coisa senão aquilo que é imposto. Hoje a obra está reduzida à técnica, e esta, à economia contemporânea.

Adorno e Horkheimer (2014, p. 9) dizem que *“a necessidade, que talvez pudesse fugir ao controle central, já está reprimida pelo controle da consciência individual”*, ora, a sociedade é manipulável da mesma maneira que a consciência de cada sujeito, os quais não sabem o que querem, apenas querem aquilo que lhes é colocado como necessidades. Os sujeitos querem o que lhes é imposto e os homens de talento produzem aquilo que a indústria cultural coloca como necessidade. Dessa forma, de acordo com Adorno; Horkheimer (2014) a indústria cultural classifica o público em níveis diferentes, assim, enquanto consumidores, o público é padronizado e deve comportar-se como tal.

Como consumidores o público não pode comportar-se de forma diversa daquela que já foi pré-estabelecida pela indústria cultural, como por exemplo, as marcas vendidas aos consumidores, as quais possuem mais representatividade do que os produtos aos quais estão associadas. Hoje em dia os mais abastados compram marcas e não produtos, os menos afortunados compram a falsificação da marca, poucos são aqueles que compram o produto pelo seu uso ou pela relação custo-benefício.

Tendo a Teoria Crítica como fundamento teórico para as reflexões sobre a contemporaneidade, podemos considerar que há uma atrofia mental na sociedade contemporânea, a capacidade que a indústria cultural tem para paralisar a mente dos sujeitos é estupenda ao ponto de tornar a sociedade uma massa de sujeitos alienados que ignoram a complexidade do ser humano e da sociedade. Estamos vivendo uma época em que aquilo que Theodor Adorno e Max Horkheimer nomearam como “Indústria Cultural” foi amplamente desenvolvido e difundido. O que diriam os nossos precursores teóricos críticos sobre a televisão, as novas tecnologias da informação, como a internet, as redes sociais e os smartphones?!

Para eles, Adorno e Horkheimer (2014, p.17),

Os produtos da indústria cultural podem estar certos de serem jovialmente consumidos, mesmo em estado de distração. Mas cada um destes é um modelo do gigantesco mecanismo econômico que desde o início mantém tudo sob pressão, tanto no trabalho quanto no lazer, que tanto se assemelha ao trabalho.

A influência da indústria cultural é repassada hereditariamente na sociedade, de e reafirmada na vida dos sujeitos. Mas há os espíritos rebeldes que rejeitam e se lançam contra tudo o que lhes é imposto, esses são os questionadores e o que seria da humanidade, sem eles, senão uma massa de sujeitos apáticos?! Neste sentido, tomemos o exemplo da arte, onde

[...] Os grandes artistas nunca foram os que encarnaram o estilo no modo mais puro e perfeito, mas sim aqueles que acolheram na própria obra o estilo como rigor, a caminho da expressão caótica do sofrimento, o estilo como verdade negativa [...] Os grandes artistas, até Schönberg e Picasso, conservavam a desconfiança para com o estilo e – em tudo que é decisivo – detiveram-se menos no estilo do que na lógica do objeto (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.21).

Neste sentido, é de fundamental importância reconhecermos a necessidade de rompermos com o *status quo*, ao questionarmos tudo aquilo que foi estabelecido tradicionalmente, reelaborando as relações que estabelecemos com o mundo, assim como o exemplo dos artistas que propuseram ideias novas no campo da arte e para além. Mas, indústria cultural

[...] absolutiza a imitação. Reduzida a puro estilo, trai o seu segredo: a obediência à hierarquia social. A barbárie estética realiza hoje a ameaça que pesa sobre as criações espirituais desde o dia em que foram colecionadas e neutralizadas como cultura. O denominador “cultura” já contém, virtualmente, a tomada de posse, o enquadramento, a classificação que a cultura assume no reino da administração. Só a “administração” industrializada, radical e

consequente, é plenamente adequada a esse conceito de cultura. Subordinando do mesmo modo todos os ramos da produção espiritual com o único fito de ocupar – desde a saída da fábrica à noite até a sua chegada, na manhã seguinte, diante do relógio de ponto - os sentidos dos homens com os sinetes dos processos de trabalho, que eles próprios devem alimentar durante o dia, a indústria cultural, sarcasticamente, realiza o conceito de cultura orgânica que os filósofos da personalidade opunham à massificação (Adorno; Horkheimer, 2014, p.22).

A indústria cultural favorece, enaltece a imitação e coloca em evidência aquilo que seria o seu segredo: a obediência e a hierarquia. Dessa forma a “cultura” apresenta-se como forma de enquadramento, como forma de controle, assim como a administração esta para a indústria, a qual ilustra de maneira muito clara esse processo de subordinação e ocupação dos sujeitos, objetivando uma produção e resultados padronizados. A indústria cultural insultuosamente coloca aos homens essa realidade como sendo natural, ou seja, como uma cultura orgânica.

Como resultante do liberalismo a indústria cultural é rígida e impessoal, não respeita a individualidade, vive-se em uma escravatura, mas, essa escravatura é altamente desenvolvida, pois, não há mais feitores nem mesmo castigos físicos. Hoje a forma de controle é psicológica e, sobre isso Adorno e Horkheimer (2014, p.25) dizem que

Sob o monopólio privado da cultura sucede de fato que a “tirania deixa livre o corpo e investe diretamente sobre a alma”. Aí o patrão não diz mais: ou pensas como eu ou morres. Mas diz: és livre para não pensares como eu, a tua vida, os teus bens, tudo te será deixado, mas, a partir deste instante és um intruso entre nós. Quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado. Excluído da indústria é fácil convencê-lo de sua insuficiência [...] A totalidade das instituições existentes os aprisiona de corpo e alma a ponto de sem resistência sucumbirem diante de tudo o que lhes é oferecido [...] as massas enganadas de hoje são mais submissas ao mito do sucesso do que os próprios afortunados.

Nessa conjuntura confirma-se na atual escravatura, a insuficiência daqueles que ousam repudiá-la, repudiando o sistema, repudiando a cultura são marginalizados. O oprimido que busca livrar-se da opressão é marginalizado, e isso ocorre com todos os sujeitos que se opõem, com artistas, pesquisadores, os quais passam a ser ignorados pelo sistema. É mais cômodo entregar-se ao sistema.

Assim, para manter o *status quo*, o

Senso crítico e competência são banidos como presunções de quem se crê superior aos outros, enquanto a cultura, democrática, reparte seus privilégios

entre todos. Diante da trégua ideológica, o conformismo dos consumidores, assim como a imprudência da produção que estes mantêm em vida, adquire uma boa consciência. Ele se satisfaz com a reprodução do sempre igual. A mesmice também regula a relação com o passado. A novidade do estágio da cultura de massa em face do liberalismo tardio está na exclusão do novo. A máquina gira entorno do seu próprio eixo. Chegando ao ponto de determinar o consumo, afasta como risco inútil aquilo que ainda não foi experimentado (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.26)

Os possuidores de senso crítico e de competência são tidos por alguns como pessoas presunçosas, ou seja, são consideradas com opiniões demasiadamente boas a respeito de si mesmas. Na realidade são pessoas que são seguras de si e reconhecem o potencial que têm e não se satisfazem com as migalhas que a cultura democrática divide entre todos. Os sujeitos conformados, consumidores passíveis, se satisfazem com o pouco que lhes cabe, com a reprodução e com a mesmice, até mesmo a relação com o passado é alterada: o passado mostra-se presente, mas com nova embalagem o conhecido como *retrô*, que deriva da palavra “retrocesso”, e o termo da última moda, *remake*, do inglês “refazer”. Ora, existe uma aversão ao risco que trava o desenvolvimento em todos os âmbitos da sociedade, seja, na economia, na política, na cultura e na ciência.

A indústria cultural é a indústria do divertimento, do entretenimento, é a indústria da alienação no conceito hegeliano. Essa indústria cria as necessidades e faz com que os homens a recebam como verdades, fazendo deles eternos consumidores, ela também cria a ideia de fuga do cotidiano, mas, é tudo premeditado e controlado, pois “a indústria cultural fornece como paraíso a mesma vida cotidiana” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.38).

Esse controle exacerbado sobre as massas corrompe, mata as capacidades discerníveis dos sujeitos e

Quanto mais sólidas se tornam as posições da indústria cultural, tanto mais brutalmente esta pode agir sobre as necessidades dos consumidores, produzi-las, guia-las e discipliná-las, retirar-lhes até o divertimento. Aqui não se coloca limite algum ao progresso cultural. Mas uma tendência é imanente ao próprio princípio – burguês e iluminista – da diversão (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.41).

Como consumidores, os sujeitos não se pertencem e não se conhecem, consome-se aquilo que é colocado como necessidade de fora para dentro e passivos, aceita-se tudo. Não há limite para a diversão e dessa forma

Divertir-se significa estar de acordo. A diversão é possível apenas quando se isola e se afasta a totalidade do processo social, enquanto se renuncia absurdamente desde o início à pretensão inelutável de toda obra, mesmo da mais insignificante: a de, em sua limitação, refletir o todo. Divertir-se significa que não devemos pensar, que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra. Na base do divertimento planta-se a impotência. É, de fato, fuga, mas não, como pretende, fuga da realidade perversa, mas sim do último grão de resistência que a realidade ainda pode haver deixado. A libertação prometida pelo entretenimento é a do pensamento como negação. A impudência da pergunta retórica: “Que é que a gente quer?” consiste em dirigir às pessoas fingindo tratá-las como sujeitos pensantes, quando seu fito, na verdade, é o de desabilitá-las ao contato com a subjetividade (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.42).

A diversão é uma artimanha para desviar a atenção daqueles a quem se busca dominar e aqueles que se deixam envolver pela diversão consentem as investidas dos dominadores. Aí, o olhar se fixa numa pequenina e distorcida parte do todo, o qual passa despercebido por aqueles distraídos pela diversão. Já não se consegue verificar a crítica nem mesmo o respeito, pois a indústria cultural os sufocou e as instituições são ferramentas de controle social, assim como a arte. Nessa conjuntura os sujeitos passam a entender o conceito *personalidade*, como sendo suas capacidades enquanto consumidores, o que evidencia o triunfo da propaganda na indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 2014).

Sobre a capacidade crítica e a liberdade de pensamento Adorno (2010) diz que em sua formação não foi submetido ao rigor científico e aos mecanismos de controle da ciência e que:

Portanto, continuo arriscando ter pensamentos não-assegurados, via de regra cedo banidos dos hábitos da maioria das pessoas por esse mecanismo de controle poderosíssimo chamado universidade — sobretudo no período em que são, como se costuma dizer, assistentes. Assim, a própria ciência revela-se em suas diversas áreas tão castrada e estéril, em decorrência desses mecanismos de controle, que até para continuar existindo acaba necessitando do que ela mesma despreza (ADORNO, 2010, p.171).

O autor arriscava seus pensamentos “não-assegurados”, ou seja, as opiniões, o uso da crítica, o que para ele habitualmente são excluídos dos hábitos dos sujeitos por meio da força que as universidades exercem sobre os eles, logo que iniciam a carreira acadêmica começam a se enquadrar nos padrões já estabelecidos. Deve-se levar em consideração o contexto que motivou Adorno (2010) a traçar tal crítica, e hoje as suas considerações devem ser refletidas como alertas para que a educação

e a arte não sejam ferramentas ideológicas de manutenção e opressão, mas, sejam ferramentas de esclarecimento e emancipação dos sujeitos.

Assim salienta-se a necessidade da compreensão sobre a Teoria Crítica, a qual instiga os sujeitos à ação transformadora a partir da análise crítica da realidade. Para Horkheimer (2003) o pesquisador deve ter como objetivo melhorar a vida em sociedade, portanto, sua filosofia deve ser voltada à prática. A teoria crítica questiona a relação entre a teoria e a prática, trazendo à discussão a crítica. Ora, a crítica provém da análise das coisas levando em consideração o potencial existente de uma realidade melhorada. Nessa linha de raciocínio o pesquisador deve investigar determinada realidade levando em consideração e idealizando um aprimoramento dessa realidade.

Horkheimer (2003) afirma que a teoria deve estar muito próxima da prática, por este motivo, a pesquisa colaborativa é capaz de fazer essa aproximação. Assim, nessa pesquisa não há a intensão de apenas descrever uma realidade, mas, proporcionar uma reflexão crítica de intervenção na realidade pesquisada e sobre aquilo que pode vir a ser.

O pensamento burguês está incrustado no pensamento do ser humano, o qual desconhece a sua própria realidade (HORKHEIMER, 2003), isso também acontece com os “intelectuais”, visto que são homens, os quais acabam seduzidos pelas artimanhas psicológicas colocadas pelo sistema opressor. Esses “intelectuais” são os famosos intelectuais de gabinete, como na ideia de Burke (2012), o qual coloca como intelectuais de gabinete aqueles pensadores que estão confortavelmente num *status quo*. Portanto, é preciso romper com esta opressão e nessa perspectiva a teoria crítica é capaz de fazer os sujeitos refletirem conscientemente sobre si mesmos, sobre a realidade na qual estão inseridos e, quiçá, romperem com o *status quo*, que na realidade não passa de uma ilusão.

Deve-se ressaltar que para o intelectual da teoria crítica não deve haver estado de conforto, não há *status quo*, pois reconhece que o mundo é dinâmico e que também faz parte desse dinamismo, deve reconhecer a necessidade de um posicionamento crítico e ativo diante dos contextos nos quais está inserido.

Para Horkheimer (2003) o intelectual não pode isolar-se, pois faz parte de um todo e fazendo parte dessa totalidade deve fazer valer a sua capacidade crítica,

contribuindo para aliviar o sofrimento, a promover a qualidade de vida da sociedade. Somente na interação entre o intelectual e os demais sujeitos é que haverá o despertar da consciência. Horkheimer (2003, p. 247) afirma que

El proceso de confrontación crítica entre los sectores avanzados de la clase social y los individuos que declaran la verdad acerca de ella, así como entre estos sectores más avanzados, junto con sus teóricos, y el resto de la clase, debe ser entendido como un proceso de acción recíproca en el cual la conciencia desarrolla, al mismo tiempo que sus fuerzas liberadoras, sus fuerzas propulsoras, disciplinantes y agresivas.

Compreende-se que somente na confrontação crítica e na reciprocidade entre os setores da sociedade é que a consciência se desenvolve e que as capacidades para realizar as mudanças necessárias se fazem notáveis. É nesse momento que se pode salienta a pesquisa colaborativa como sendo uma possibilidade de realização da teoria crítica na ação, constituindo-se enquanto *práxis*.

A teoria crítica não visa apenas evidenciar aquilo que se mostra recôndito em determinada realidade, mas trazer à reflexão tudo aquilo que estava sendo ignorado. Horkheimer (2003) afirma que a teoria crítica não está a serviço do sistema estabelecido, sua função é denunciar e levar os homens à reflexão da sua realidade com o intuito de melhorá-la pela emancipação dos sujeitos. E por se opor as teorias tradicionais, é taxada como imparcial e inútil, por não trazer rapidamente a público resultados impactantes, embora muitas vezes inexpressivos: a teoria crítica age constantemente, por esse motivo não se espera conclusões por se tratar de um processo contínuo.

Os teóricos críticos possuem um exército de opositores, os quais fazem parte da grande maioria populacional, pela qual a teoria crítica concentra seus esforços por emancipá-la. Assim, pelo comportamento consciente e crítico é que haverá o desenvolvimento da sociedade, como afirma Horkheimer (2003, p. 259), que

[...] La construcción del acontecer histórico como el producto necesario de un mecanismo económico contiene, al mismo tiempo, la protesta contra ese orden, originada justamente en ese mecanismo, y la idea de la autodeterminación del género humano, es decir, la idea de un estado tal que, en él, las acciones de los hombres ya no emanen de un mecanismo, sino de sus mismas decisiones. El juicio acerca de la necesidad del acontecer, tal como este último se ha dado hasta ahora, implica aquí la lucha por transformar una necesidad ciega en otra plena de sentido. Pensar el objeto de la teoría como separado de ella falsea la imagen y conduce a um quietismo o conformismo. Cada parte de la teoría supone la crítica y la lucha contra lo establecido, dentro de la línea trazada por ella misma.

O pensamento crítico atua num sistema já estabelecido, onde os sujeitos estão como os autômatos fazendo somente aquilo que o programador programou, ou seja, fazem aquilo que sistema implantou e permite: seu objetivo é transformar os autômatos em sujeitos conscientes e que se reconheçam historicamente. A teoria crítica faz com que os próprios teóricos sejam autocríticos para não caírem no automatismo. Ora, a sociedade burguesa funciona de maneira mecânica e cartesiana: no pensamento cartesiano existe uma dualidade entre teoria e a práxis. No modo de pensar imposto pela sociedade burguesa, os cientistas não possuem autonomia para realizarem suas pesquisas livremente. Nesse contexto a ciência e a arte são dominadas pelos detentores do poder, cabendo aos pesquisadores e artistas que vinculados à situação produzir e reproduzir de acordo com os interesses burgueses.

Existe um desprestígio que os teóricos críticos carregam, pois, o pensamento crítico é capaz de transformar a sociedade (HORKHEIMER, 2003). Além desse desprestígio aqueles que levantam a bandeira da teoria crítica são tratados com hostilidade, e essa, atua como um obstáculo as mudanças que contribuem para constituir uma sociedade mais justa e emancipada.

No pensamento crítico não existe uma dualidade entre a teoria e a *práxis*, uma não existe sem a outra, uma se dá pela outra, ambas fazem parte de um todo (HORKHEIMER, 2003). Ressalta-se mais uma vez o dinamismo existente no todo, conseqüentemente a teoria crítica está sempre se refazendo, se atualizando. Assim, neste sentido, Kosik (2002, p.222) diz que “*a práxis do homem não é atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade*”. A *práxis* é ativa, se constitui e se renova historicamente, trata-se de um ato de vida, no qual os homens se diferenciam dos animais.

Verifica-se que o futuro da humanidade depende de uma postura crítica frente à sua realidade histórica, nesse ínterim, a teoria crítica se compromete com a verdade e tem como meta a supressão das injustiças sociais (HORKHEIMER, 2003). E pela filosofia a teoria crítica se coloca diante da produção do conhecimento, mas, trata-se aqui de uma filosofia genuína, a qual não sofre a influência perniciosa da ciência opressora e da sociedade em geral.

De acordo com Adorno e Horkheimer (2014) a sociedade herdou do iluminismo a incapacidade de pensar, pois, esse movimento acabou por disciplinar o pensamento, desta maneira, após o iluminismo pensar é algo duro como uma máquina. Faz-se mister a *práxis* revolucionária, assim, considera-se que a filosofia deve estar em confluência dessa *práxis*. Para Horkheimer (2003, p.282) “*la verdadera función social de la filosofía reside en la crítica de lo establecido*”.

Portanto, a filosofia aliada à teoria crítica tem por função social analisar avaliativamente, reflexivamente tudo aquilo que está estabelecido. Horkheimer (2003, p.282) acrescenta que:

Eso no implica la actitud superficial de objetar sistemáticamente ideas o situaciones aisladas, que haría del filósofo un cómico personaje. Tampoco significa que el filósofo se queje de este o aquel hecho tomado aisladamente, y recomiende un remedio. La meta principal de esa crítica es impedir que los hombres se abandonen a aquellas ideas y formas de conducta que la sociedad en su organización actual les dicta. Los hombres deben aprender a discernir la relación entre sus acciones individuales y aquello que se logra con ellas, entre sus existencias particulares y la vida general de la sociedad, entre sus proyectos diarios y las grandes ideas reconocidas por ellos.

O filósofo não deve estar diante da filosofia e da sociedade como um rebelde sem causa que a tudo contesta sem o poder da argumentação: sua função é a de levar os sujeitos ao discernimento, pois, somente através do pensamento reflexivo a sociedade poderá se libertar de todas as imposições que lhe são colocadas. Nesta perspectiva a filosofia atua de modo a demonstrar as contradições existentes na sociedade.

A filosofia será oportuna quando estiver voltada às reais necessidades sociais, será justa quando pensar na totalidade da realidade social, quando visar o bem comum. Horkheimer (2003) relata que os grandes filósofos, como Aristóteles e Platão estavam convictos de que uma situação de justiça era a condição necessária para o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos homens. Ainda, insiste que a filosofia é o meio para levar os sujeitos a pensarem criticamente e dialeticamente. Por outro lado, a filosofia sofre o menosprezo social por causa da difamação de que é vítima, por ser ela capaz de tirar a sociedade do estado confortável da ignorância: ninguém quer se incomodar em abrir os olhos para a sua realidade particular e tampouco para a realidade social.

Quando o *status quo* é abalado, falta aos homens a capacidade de voltar as ideias à vida e nesse sentido trata-se de uma filosofia vã (HORKHEIMER, 2003). Por este motivo salienta-se a importância de o pensamento crítico estar voltado à totalidade.

Pero lo que nosotros entendemos por crítica es el esfuerzo intelectual, y en definitiva práctico, por no aceptar sin reflexión y por simple hábito las ideas, los modos de actuar y las relaciones sociales dominantes; el esfuerzo por armonizar, entre sí y con las ideas y metas de la época, los sectores aislados de la vida social; por deducirlos genéticamente; por separar uno del otro el fenómeno y la esencia; por investigar los fundamentos de las cosas, en una palabra: por conocerlas de manera efectivamente real (HORKHEIMER, 2003, p.287).

Nesse sentido, a crítica é o esforço intelectual na *práxis*: trata-se de uma postura proativa e não aceita sem reflexões as ideias, modelos e as relações sociais dominantes. Também, é um esforço por harmonizar-se com a totalidade e por colocá-la explicitamente de modo a conhecê-la de maneira real. Assim,

Nuestra misión actual es, antes bien, asegurar que en el futuro no vuelva a perderse la capacidad para la teoría y para la acción que nace de esta, ni siquiera en una futura época de paz, em la que la diaria rutina pudiera favorecer la tendencia a olvidar de nuevo todo el problema. Debemos luchar para que la humanidad no quede desmoralizada para siempre por los terribles acontecimientos del presente, para que la fe en un futuro feliz de la sociedad, en un futuro de paz y digno del hombre, no desaparezca de la tierra (HORKHEIMER, 2003, p.289).

Importe contextualizar o momento histórico em que o autor se refere, uma época quando a opressão era mais descarada que a opressão que a atual indústria cultural impõe aos sujeitos. O contexto em que ele vivia era o da Alemanha de 1930, desta forma defendia que o pensamento crítico possui uma missão, a qual é a de tornar certo que no futuro não se percam as capacidades de teoria e de ação que se originam e enfatizava que mesmo em uma época futura de paz, quando a rotina poderia levar os homens ao esquecimento de toda forma de opressão há sempre a necessidade de lutar para que a humanidade não seja uma vítima eterna dessa opressão.

Refletindo sobre a contemporaneidade podemos considerar que a época futura que Horkheimer (2003) fala é aquela que a opressão de uma ditadura não imperasse mais, mas, é possível dizer que as opressões ainda existem e que são fruto da ditadura econômica que perdura e desenvolveu-se de tal forma que os sujeitos

acreditam viver em uma época de paz, pois estão presos às rotinas que o sistema impõe e não percebem o quanto são oprimidos e explorados.

A partir destas reflexões, podemos considerar que a filosofia aliada à crítica é de suma importância para que os sujeitos não coloquem a teoria e a ação em patamares distintos e para que não sucumbam na rotina que o sistema econômico impõe à sociedade. A filosofia tem como finalidade lembrar-nos de que há sempre um futuro mais brilhante para a humanidade. Quando não houver egoísmo e a colaboração entre os sujeitos for uma realidade em todas as áreas da sociedade ver-se-ão indícios de esclarecimento e de emancipação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- ADORNO, T.W; HORKHEIMER. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- BURKE, E. **Reflexões sobre a revolução na França**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.
- HORKHEIMER, M. **Teoria Crítica**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2003.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Recebido em 19/07/2023

Versão corrigida recebida em 02/08/2023

Aceito em 20/08/2023

Publicado online em 26/08/2023